SERMAÕ
DO
SS. SACRAMENTO,
Prégado
NA MAGNIFICA, E SUMPTUOSA FESTIVIDADE, que a este Mysterio consagrárаõ os

IRMAÕS DO SENHOR

da Cathedral da Bahia

Na Dominga infra Octavam do Corpo de Deos, em 31. de Mayo de 1750.

SENDO JUIZ DESTA IRMANDADE

O MUITO REVERENDO SENHOR DOUTOR

ANTONIO GONÇALVES PEREIRA,

Arcediago da Sancta Sé Metropolitana da Bahia, Protonotario Apostolico de Sua Sanctidade, Desembargador Theologo da Relaçaõ Ecclesiastica, Examinador de Confessores, Prégadores, e Ordinandos, Vigario collado, que foi da Freguezia de N. Senhora do Rosario da Cidade, Visitador geral seis vezes da mesma Cidade, e seu Reconcavo, Juiz Commissario das Dispensações, Juiz Conservador dos Monges da Ordem de S. Bento, e Juiz Commissario Apostolico da Bulla da Sancta Cruzada em todo o Arcebispado, &c.

A quem se dedica

POR SEU AUCTOR

ANTONIO DE OLIVEIRA,

Sacerdote do Habito de S. Pedro, Mestre em Artes, e Theologo dos Estudos geraes da Companhia de Jesus da mesma Cidade da Bahia, e nelles Examinador muitas vezes de Philosophia, Missionario Apostolico por Sua Sanctidade, e de presente Visitador da Cidade de Sergipe d'El-Rey, e do Certaõ debaixo, &c.

LISBOA, M.DCC.LII.

Na Officina de JOSEPH DA COSTA COIMBRA.

Com todas as licenças necessarias.

DEDICATORIA

AO REVERENDISSIMO SENHOR DOUTOR

ANTONIO GONÇALVES PEREIRA,

Arcediago da Sancta Sé Metropolitana da Bahia, Protonotario Apostolico de Sua Sanctidade, Desembargador Theologo da Relaçaõ Ecclesiastica, Examinador de Prégadores, Confessores, e Ordinandos, Juiz Commissario das Dispensaçoẽs, Vigario collado, que foi da Matriz de N. Senhora do Rosario desta Cidade, Visitador geral seis vezes da mesma Cidade, e seu Reconcavo, e Commissario da Bulla da Sancta Cruzada em todo este Arcebispado.

REV.^MO^ SENHOR.

ENDO em alguns Sermoẽs meus, que correm impressos, buscado a protecçaõ de V. M., dedicando-lhos, seria em mim descuido culpavel deixar de procurar o mesmo Mecenas para este,

que preguei na Cathedral da Sé da Bahia em a Festa grande do Sanctissimo Sacramento, de cuja Irmandade era V. M. dignissimo Juiz; e como já tenho experiencia da efficacia da sua protecçaõ, com razaõ mayor neste Sermaõ, que tanto lhe compete, por ser encommendado por V. M., he justo, e devido o dedique á sua preclarissima Pessoa, em cujo obsequio desejára erigir eternos obeliscos, e incontrastaveis monumentos, que noticiassem á posteridade as inextimaveis virtudes de hum Varaõ taõ famigerado.

He com razaõ o nome de V. M. applaudido naõ só neste Brazil, mas tambem em Portugal; porque os muitos Sermoẽs, e livros, que se imprimem em Lisboa debaixo da sua protecçaõ, tem dado a conhecer as suas relevantes prendas na magnificencia das suas acçoẽs, acompanhadas com o zelo do serviço de Deos. Diga-o a Irmandade de S. Pedro dos Clerigos, em cuja Igreja servindo V. M. tres annos successivos de Provedor, fez tantas obras com dispendio consideravel da sua fazenda, que a pôs na sua ultima perfeiçaõ, reparando os rendimentos quasi attenuados, augmentando o patrimonio, e deixando arbitrios, com que se pudesse a Irmandade conservar, desempenhada e opulenta. Diga-o a Irmandade dos Sanctos Passos, da qual sendo V. M. tambem Provedor, a regeo com taõ acertadas direcçoẽs, e proveo de taõ grossos donativos, que inda hoje suspira pelo seu prudente governo. Diga-o a Irmandade da Sancta Misericordia, que elegendo a V. M. por Provedor, sem ser Irmaõ, administrou com tanta caridade, e desinteresse os encargos da sua occupaçaõ, que vivirá perduravel a memoria do seu zelo.

Diga-o a Irmandade do Sanctissimo Sacramento

mento desta Cathedral, em que nos empregos de Mordomo da Resurreiçaõ, e agora de Juiz, sempre luzîo a sua magnificencia, com pios e liberaes dispendios em beneficio do Divino Culto, tendo a gloria de se dourar em o seu tempo o retabulo da Capella do Sancto Christo, a pesar de muitas controversias; porque como a experiencia tem mostrado, só para a sua generosidade e direcçaõ se reservaõ as grandezas. Diga-o a Freguezia de nossa Senhora do Rosario das portas do Carmo, hoje do Sacramento, que com toda a prudencia parochiou V. M. dezaseis annos, sem a menor queixa, ou nota do seu procedimento; acudindo vigilante ás necessidades de seus freguezes, naõ só com o pasto espiritual, mas tambem com repetidas esmolas, dispendendo a propria fazenda, e bens hereditarios para o ornato da sua Igreja, destituida entaõ (por ser novamente erecta em Freguezia) de muitos aprestos necessarios para a decencia do Culto Divino. Nella instituîo a Irmandade do Sanctissimo Sacramento, de que foi o primeiro Juiz, dispendendo liberalmente para mover com o seu exemplo aos nossos freguezes a concorrerem para o augmento, e grandeza, em que hoje se vê.

Destes Parochos, como V. M., quer Christo Senhor nosso nas suas Igrejas; e por isso, como empenhado nas suas felicidades, lhe dá vida, honras, e cabedaes, que V. M. sabe generosamente dispender em acçoẽs magnificas, como póde testemunhar esta Corte Americana, naõ só no esplendor das funçoẽs louvàveis e pias, que faz; mas tambem no luzimento do trato de sua Pessoa, e Casa das mais bem ornadas que ha nesta Cidade. Naõ menos devem ser pregoeiras de suas louvaveis acçoẽs, tres funçoẽs Funeraes, e sumptuo-

sas

ſas Exequias, que V. M. celebrou neſta Cidade em diverſas occaſioẽs a expenſas proprias com todo o luzimento. A primeira na Igreja de noſſa Senhora do Roſario deſta Cidade pela alma da Illuſtriſſima Senhora D. Marianna de Alencaſtre, Mãy do Illuſtriſſimo Senhor Conde de Sabugoſa, entaõ Vice-Rey deſte Eſtado, ſendo V. M. digniſſimo Parocho da dita Igreja: a ſegunda na Igreja de S. Pedro dos Clerigos, pela alma do Excellentiſſimo e Reverendiſſimo Senhor Arcebiſpo D. Luiz Alvares de Figueiredo, ſendo Emeritiſſimo Provedor da Reverenda Irmandade; e a terceira na Igreja da Miſericordia, pela alma do Reverendiſſimo Senhor Abbade o Doutor Manoel de Mattos Botelho, Irmaõ do Excellentiſſimo e Reverendiſſimo Senhor Arcebiſpo D. Joſeph Botelho de Mattos, que Deos guarde, ſendo V. M. digniſſimo Provedor da Sancta Caſa, celebradas todas com tanta ſumptuoſidade, que baſta dizer-ſe, que foraõ officiadas pelas direcçoẽs da ſua magnificencia.

Aqui naõ deixarei em ſilencio huma famoſa acçaõ, que em Cabbido obrou a ſua generoſidade em occaſiaõ, que havia chegado a noticia do fallecimento do Excellentiſſimo e Reverendiſſimo Senhor Arcebiſpo, Biſpo da Guarda D. Joſeph Fialho. Propôs V. M., que ſuppoſto morreſſe o dito Excellentiſſimo Senhor em Liſboa, e fóra deſte Arcebiſpado, em tempo que ſe achava já digniſſimamente occupada eſta Cadeira Archiepiſcopal, debaixo do ſuave e prudentiſſimo governo do Excellentiſſimo e Reverendiſſimo Senhor Arcebiſpo D. Joſeph Botelho de Mattos, com tudo era juſto, que a hum Arcebiſpo, a quem ſe deviaõ ſaudoſas memorias, ſe fizeſſem aquellas honras Funeraes, como ſe coſtumaõ fazer aos mais Prela-

dos,

dos, fallecidos nesta Diocese; e quando naõ, pedia licença para só, e á sua custa as fazer celebrar com aquellas demonstraçoẽs, que merecia Prelado de tanta veneraçaõ. Louvárão todos os Reverendissimos Capitulares a generosa resoluçaõ de V. M.; porêm igualmente ambiciosos da gloria, que V. M. só queria alcançar, uniformemente concorrêraõ para a celebraçaõ do Funeral, que se fez com todo o luzimento, e sumptuosidade.

Digaõ naõ menos seis visitas, em que V. M. como Visitador geral das Igrejas da Cidade, e seu reconcavo mostrou tal limpeza, e desinteresse, que nunca quiz receber os oitenta mil reis, que Sua Magestade manda dar aos Reverendos Visitadores para ajuda do custo. Diga-o tambem a occupaçaõ de Juiz das dispensaçoẽs, da qual achando a V. M. digno o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Joseph Fialho, e formando cabal conceito da sua rectidaõ, e verdade, quando se ausentou para Portugal, lhe deu faculdade para distribuir a seu arbitrio o dinheiro das multas applicadas para obras pias; e juntamente o dinheiro das esmolas, que consigna Sua Magestade todos os annos aos Excellentissimos Senhores Arcebispos: o que tudo satisfez V. M. com todo o acerto na ausencia do dito Excellentissimo Prelado, em cujo nome havia tomado posse deste Arcebispado na Sancta Sé Cathedral, onde com jubilo universal de alegria, aquelle innumeravel concurso do melhor desta Cidade vio a V. M. assentado na Cadeira Archiepiscopal, e debaixo de hum docel sustentar a Mitra, e empunhar o Bago, que todos lhe prognosticavaõ fosse algum dia de propriedade.

Diga o o emprego de Commissario da Bulla

da

da Sancta Cruzada, em que concorrendo pertendentes conspicuos para o mesmo emprego, foi V. M. escolhido para taõ importante occupaçaõ; e em menos de hum anno foi tal o conceito, que teve o Reverendissimo e Illustrissimo Commissario geral da capacidade, e inteireza de V. M., que confiando na sua verdade, lhe mandou segunda Provisaõ, dando-lhe todos os seus poderes, e faculdades concedidas pela Sé Apostolica, para poder compôr, e fazer a seu arbitrio, todas e quaesquer composiçoẽs, que se offerecessem, havendo tudo por valido, e ratificado, como se por elle mesmo fossem celebradas; faculdade esta taõ ampla, e singular, que inda se naõ concedeo a Commissario algum neste Arcebispado.

Diga-o tambem o conceito, e honra, com que a Religiaõ Benedictina, e seus Religiosissimos, Doutissimos, e Exemplarissimos Monges desta Provincia do Brazil elegêraõ a V. M. para seu Juiz Conservador, esperando da sua Pessoa os rectissimos dictames, da sua prudencia. Digaõ finalmente outras muitas, e diversas occupaçoẽs, que V. M. administrou sempre com zelo do serviço de Deos, e bem das almas, havendo-se em todas com grande capacidade, summo acerto, e geral aceitaçaõ, condecorando taõ altos merecimentos a vasta litteratura, que adorna a Pessoa de V. M.; porque nas classes da Latinidade foi acclamado pelo melhor Grammatico, e Poeta Latino daquelle tempo, sempre reputado por grande humanista, versado na liçaõ de varias erudiçoẽs, e applicado ao estudo dos livros mais selectos, de que se compôem a sua grande, e bem aceada livraria. Por isso na instituiçaõ da Academia Bahiensi foi V. M. designado para hum dos seus Academicos, e logo nomeado

meado Presidente de huma das primeiras confe-rencias.

Na Philosophia, sahindo V. M. hum dos melhores Estudantes, e da primeira graduaçaõ do seu Curso, mereceo nos Exames de Bacharel, e Mestre em Artes a suprema approvaçaõ de Maxima ab omnibus: *defendeo as terceiras Conclusoēs de Logica; foi Capitaõ da primeira Meza, e ultima Pedra de Metaphysica, Arguente pûblico nas Conclusoēs de Philosophia, e Theologia; e no anno de* 1724. *eleito com honra Examinador do Curso Philosophico em Claustro pleno de todos os Mestres, e Padres graves do Collegio de JESUS. Nas Theologias alcançou V. M. nome taõ famoso, que na Especulativa, e Escolastica condecorou as Aulas; na Positiva, e Ascetica illustrou os Pulpitos; e na Pratica, ou Moral conseguio taes applausos, que em tres concursos, que fez para as Igrejas desta Cidade, sempre levou as primeiras, e melhores approvaçoēs; e no concurso para a Igreja de nossa Senhora do Rosario, em que foi provîdo, o primeiro voto* ab omnibus.

Accresce a tudo isto huma modestia grave, ou gravidade modesta, que em V. M. resplandece com hum procedimento admiravel, e genio taõ docil, que a todos se faz grato, e geralmente bem quisto. Perdoe V. M. estas digressoēs do meu affecto, que como verdadeiras, e conhecidas nesta Cidade, naõ posso deixar de as manifestar nesta Dedicatoria, para desafogo de quanto reconheço seus superiores meritos; porque á sombra de taõ benefica Pereira, e nos auspicios de tanto Numen, naõ temerei a mordacidade dos Aristarcos, e zombarei da maledicencia

dos Zoilos, naõ obſtante a improporçaõ da offerta pela humildade da fórma, para a grandeza da nobiliſſima Peſſoa de V. M., que Deos guarde, &c.

REV.[MO] SENHOR.

De V. M.

Servo muito obſequioſo, e perpetuo venerador

Antonio de Oliveira.

L I-

SERMAÕ DO SS. SACRAMENTO.

Homo quidam fecit Cænam magnam. S. Lucas no c. 14. n. 16.

UITO dá quem chega a dar tudo quanto tem; mas muito mais dá quem, depois de dar tudo quanto tem, chega tambem a dar tudo, quanto he. (Senhor.) Muito dá quem chega a dar tudo quanto tem; mas muito mais dá quem, depois de dar tudo quanto tem, chega tambem a dar tudo, quanto he. Quem chega a dar tudo quanto tem, faz próva manifesta de liberal grandeza; mas quem

chega a dar tudo quanto he, faz evidente demonſtraçaõ de ſumma liberalidade. Dar tudo quanto tem, ſe vê na liberal grandeza de hum Alexandre dividindo o ſeu Imperio pelos ſeus Magnates: *Vocavit pueros ſuos nobiles... & diviſit illis regnum ſuum*: Mas dar tudo quanto he, depois de dar tudo quanto tem, ſó ſe admira na ſumma liberalidade de Chriſto Senhor noſſo no Sacramento, dando-ſe a ſi proprio a quem communga. *Cum ſe ipſum daret, plus dare non habuit.* O certo he que dar tudo quanto tem, ſe vê na grandeza de Principes, como ſe vio em Jonathas para com David; em Pharaó para com Joſeph; e em Aſſuero para com Mardocheo: mas dar tudo quanto he, ſó ſe adora na maxima liberalidade de Deos, como ſe vê na Meza do Rey Sacramentado: *In hac menſa novi Regis*; e na ſoberana Meza da Sanctiſſima Trindade: *Menſa illa Trinitatis ſuos panes habet abſconditos.*

1. Machabeor. 1.7.

D. Aug. in Joann. 6.

D. Thom. Abb. Cell. lib. 1. de panc. 1.

No Myſterio da Sanctiſſima Trindade géra o Pay ao Filho; e como o Pay he Deos, de tal ſorte lhe dá tudo quanto he (menos a Paternidade) que dá o ſeu meſmo Ser de Deos ao Filho: e o Filho com o Pay produzindo o Eſpirito Sancto, de tal ſorte lhe dá tudo quanto he, em quanto Deos, que he igualmente Deos o Eſpirito Sancto: *Deus Pater, Deus Filius, Deus Spiritus Sanctus.* Eſta he a maxima liberalidade de Deos na ſoberana Meza da Sanctiſſima Trindade, onde ficaõ todas as tres Divinas Peſſoas o meſmo Deos: *Menſa illa Trinitatis*; e eſta he, com a devida proporçaõ, a liberalidade tambem maxima de Chriſto Senhor noſſo na Real Meza do Sacramento, em que fica tambem Deos por participaçaõ quem o communga: *In hac menſa*

In Symb. S. Athan.

novi Regis. Na Sanctissima Trindade o Pay, que he Deos, dá tudo quanto he, em quanto Deos, ao Filho; e o Pay com o Filho, que he Deos, dá tudo quanto he, em quanto Deos, ao Espirito Sancto: e no Sanctissimo Sacramento Christo Senhor nosso, que he Deos, dá tudo quanto he a quem dignamente o recebe sacramentado, ficando quem o communga o mesmo Deos por participaçaõ com Christo: *Vere comedens Deus efficitur.*

D. Chrys. in Joan. 6.

Com tudo Deos Pay só dá o Ser de Deos ao Filho; e o Pay com o Filho só daõ o Ser de Deos ao Espirito Sancto: porêm nem daõ, nem podem dar o mesmo Ser de Deos a mais pessoas. Mas oh bemdita seja a summa liberalidade de Christo Senhor nosso no Sacramento! que o que naõ se faz, nem póde fazer na Trindade, veneramos fazer-se no Eucharistico Mysterio: porque está nelle taõ liberal este novo Rey, que nelle nos dá o Ser de Deos, e faz Deoses por participaçaõ, naõ a huma, nem só a três pessoas, mas sim a todas que dignamente o recebem: *Sumit unus, sumunt mille, tantum isti, quantum ille. Ut homines Deos faceret.* E de que modo ostenta Christo Senhor nosso esta maxima liberalidade? he dando-nos aquella augustissima Cea na Meza do Sacramento: *Homo quidam fecit Cœnam magnam.* He este homem Christo Senhor nosso instituindo o Sanctissimo Sacramento na noite da Cea: *Homo est Christus Dominus*: e como a Cea he a do Sacramento: *Per Cœnam accipe Eucharistiam*; dando-se o Senhor nesta Cea em comida: *Caro mea vere est cibus*, quem verdadeiramente o come, fica o mesmo Christo: quem dignamente recebe o Sanctissimo Sacramento, já naõ he

D. Thom.

Hug. in Luc. 14.

D. Cyrill. Joann. 6.

ſómente homem, he tambem Deos: *Vere comedens Deus efficitur.*

Euthimio dando a razaõ da grandeza da Cea do Sacramento diz, que toda a ſua ſoberanîa conſiſte, em que neſta Meza gozamos de ſorte os Divinos conſorcios da participaçaõ da Divindade, e ſubimos a tanta gloria, que nada nos fica mais que deſejar: *Eſt magna illa Cœna; quia in illa Deo fruimur, qui nos adeo glorificat, ut nihil amplius optare, vel deſiderare poſſimus.* Logo, infiro eu aſſim, ſe nós deſejarmos ſer Deoſes, Deoſes ficaremos na Meza do Sacramento? aſſim he; porque eſta he a ſumma liberalidade de Chriſto Senhor noſſo neſte Sacratiſſimo Myſterio, em que nos dá tudo quanto he: e como he Deos neſte Myſterio, Deos fica cada hum de nós, que dignamente o recebe. Grande prodigio na verdade temos neſta ſoberana Cea; porque aſſentando-nos á Meza do Sacramento homens, ſomos nella elevados a ſer Deoſes: *Vere comedens Deus efficitur.* E por iſſo he taõ grande eſta Cea, que tem por titulo a Cea grande: *Homo quidam fecit Cœnam magnam. Homo eſt Chriſtus Dominus. Per Cœnam accipe Euchariſtiam.* E que glorioſa ſemelhança a da Meza do Sacramento: *In hac Menſa novi Regis* com a Meza da Sanctiſſima Trindade: *Menſa illa Trinitatis!* porque ſe na Meza da Sanctiſſima Trindade, quem vê o Filho, e o Eſpirito Sancto, vê ao Pay, em quanto ao meſmo Ser, que todos tem de Deos; porque o Pay dá o ſer Deos ás outras Peſſoas; na Meza do Sacramento, quem vê aos homens, que dignamente o recebem, vê em todos hum homem Deos; porque Deos feito homem dá aos homens o Ser de Deos por participaçaõ: *Vere*

Euthim. in Luc. cap. 14.

come-

comedens Deus efficitur. E toda eſta maravilha ſe obra pela comida deſta grande Cea. No principio do mundo enganou a ſerpente a noſſos primeiros Pays, dizendo-lhes, que comendo do pomo ſeriaõ Deoſes: *In quocumque die comederitis . . . eritis ſicut Dii*: mas neſta Meza com toda a realidade ſomos Deoſes por participaçaõ com a ſagrada comida deſta grande Cea: *Homo quidam fecit Cœnam magnam*. Será pois hoje o meu aſſumpto moſtrar em hum ſó diſcurſo na Meza do Sanctiſſimo Sacramento huma nova officina de Divindade; e que a comida de taõ ſoberana Cea faz Deoſes aos homens, que chegando a ella homens, ficaõ Deoſes; e com tanta ſoberanîa, que ſe pudéra haver exceſſo á Meza da Sanctiſſima Trindade, ſó parece que o haveria na Meza do Sacramento; porque ſendo as tres Divinas Peſſoas hum ſó Deos, Deoſes ficaõ todas as peſſoas, que dignamente recebem o Sanctiſſimo Sacramento. E para chegarmos á ſoberanîa de taõ alta Meza, e vermos os prodigios de tanta Divindade, viſtamo-nos primeiro do ornamento nupcial da Divina graça.

Genеſ. 3. 5.

AVE MARIA.

Homo quidam fecit Cœnam magnam.

S. Lucas no lugar citado.

DIVINO incendio por certo he o que ſe levanta no Altar do Sacramento: *Ignis in Altari ſemper ardebit*! pois he nelle Chriſto Bem noſſo taõ activo fogo: *Deus ignis conſu-*

Levit. 6.

Deut. 4. 24.

consumens est; que quem chega ás fragoas do seu amor nesta Meza, fica salamandra abrazada, que concebendo em si divinas chammas, se converte em vivas lavaredas do mesmo fogo, como da salamandra diz o Poeta:

Oth. Ven. Embl. Amat. fol. 228.

——— Mea vita per ignes
Crescit, & in mediis ignibus esse juvat.

S. Dionysio diz, que assim como o fogo converte em fogo quanto nelle se abraza; assim quem se alimenta do fogo do Sacramento, nelle se converte de sorte, que fica com a propria Imagem, e Fórma do mesmo Deos: *Ignis sensibilis ea, quibus insederit, in suum traducit officium, omnibusque quomodolibet sibi appropinquantibus sui consortium tradit: haud aliter Dominus noster, & Deus, qui ignis consumens est, nos per Cibum hunc Sacratissimum in sui traducit effigiem, Deiformesque reddit*: e por esta Divina fragoa, com que o fogo do Sacramento converte em vivas chammas, a quem dignamente o recebe, me atrevo a dizer, que o Sacramento he huma nova officina de Divindade, que faz aos homens Deoses: *Vere comedens Deus efficitur*: e o mesmo Sacramento he fogo, que diviniza a quem o recebe: *Eucharistia est ignis Deificans.*

D. Dionys. d. Cœlest. Hyer.

Damasc. lib. 4. de Fid. c. 14.

Naquella sacratissima Meza pôs Christo Senhor nosso a seus Discipulos a grande Cea do Paõ sacramentado: *Homo quidam fecit Cœnam magnam*: e como aquelle Divino Paõ he o mesmo Corpo de Christo, Deos e homem: *Hoc est Corpus meum*; ficáraõ os doze Sagrados Apostolos figurados em doze paẽs; para que multiplicando o Senhor em cada hum delles a sua Real Presença, pudesse de cada hum dizer pela Sagrada Commu-

nhaõ

nhaõ as meſmas palavras: *Hoc eſt Corpus meum*; e deſta ſorte ficaſſe cada Diſcipulo á Meza hum homem Deos: *Vere comedens Deus efficitur*. E já que temos o thema de huma Cea: *Cœnam magnam*, e a Feſta de huma Meza: *In hac Menſa novi Regis*; bem he que façamos ſobre huma Meza a evidente próva daquella Cea, para manifeſta demonſtraçaõ deſta verdade. Falla Deos com Moyſés no Levitico, e lhe diz: *Accipies quoque ſimilam, & coques ex ea duodecim panes.... ſuper Menſam puriſſimam coram Domino ſtatues.*

Levit. 24. 5.

Toma, Moyſés, a flor da farinha de trigo, e faze doze paẽs, e os apreſenta diante do Senhor ſobre huma meza puriſſima. E dizem os Expoſitores, que eſte Texto ſe entende dos paẽs da propoſiçaõ, cuja formaçaõ pertencia aos Sacerdotes: *Hìc agitur de propoſitione panum, quorum materia erat farina triticea puriſſima, & ad officium Sacerdotum pertinebat iſtos panes formare.* Eſta Meza ſem controverſia alguma he a mais expreſſa figura da Meza auguſtiſſima do Sacramento: *Euchariſtia eſt panis propoſitionis ante faciem Domini.* Mas no que reparo he, que ſendo o Paõ do Sacramento hum ſó, e ſingular: *Hic eſt Panis*; diga o Texto que eraõ doze os paẽs da propoſiçaõ, figurando todos o Paõ do Sacramento: *Duodecim Panes ſuper Menſam*? qual ſerá logo o Myſterio, porque ſendo hum ſó o Paõ do Sacramento, ſe ha de figurar expreſſamente naquella meza de doze paẽs? Mas oh que admiravelmente reſponde a eſta meſma dûvida S. Cyrillo Alexandrino.

Lahay. hìc.

Areſ. in Feſt. Corp. §. 23.

Joann. 6.

Sabeis porque, ſendo hum ſó o Paõ do Sacramento, mandou Deos pôr naquella Meza doze paẽs? foi para correſponder a figura ao figurado. O figu-

O figurado havia de ſer a Meza do Cenaculo na noite da Cea, com a inſtituiçaõ do Paõ do Sacramento, em que haviaõ os doze Apoſtolos commungar aquelle Divino Paõ, que Chriſto Senhor noſſo a primeira vez converteo em ſua propria ſubſtancia: e como os doze Apoſtolos commungando ſe haviaõ converter no meſmo Chriſto, que ſe lhes dava nas eſpecies de paõ, e por iſſo ficarem como doze Paẽs do Sacramento: eſta he a razaõ, porque a figura foi de huma meza com doze paẽs: *Duodecim panes ſuper menſam.* Vaõ as palavras do Sancto Doutor: *Ad imitationem ipſius Chriſti panes appellati ſunt beati Diſcipuli conſortes facti panis nutrientis nos in vitam æternam.* Chriſto que he Deos, e homem eſtá realmente no Sacramento nas eſpecies de paõ? pois nas eſpecies de paõ ſe haõ de tambem vêr aquelles, que chegaõ a commungar na Meza do Sacramento, pelo qual ficaõ homens Deoſes: e como eraõ doze os Diſcipulos, que commungáraõ na noite da Cea o Paõ do Ceo; doze eraõ os paẽs, que apparecêraõ naquella meza, figura deſta: *Duodecim panes ſuper menſam. Panes appellati ſunt beati Diſcipuli.*

D. Cyrill. Alexand.

Hum he o Paõ do Sacramento; mas ſendo muitos os que commungaõ eſte Paõ, muitos ſaõ os Paẽs, que apparecem naquella Meza. Daquelle Paõ do Sacramento, diz Chriſto Senhor noſſo, que he o ſeu Corpo: *Hoc eſt Corpus meum*: e no meſmo Corpo de Chriſto ſe converte quem ſe torna em Paõ ſacramentado, quando recebe o Paõ do Sacramento: *Corpus Chriſti ſumus, qui Corpus Chriſti accipimus.* A virtude do fermento he fermentar toda a maça; a virtude do Divino Paõ do Sacramento he divinizar naquella Meza os que a ella

D. Aug. in Joan. 6.

ella chegaõ, e torna-los em Paẽs ſacramentados. No Paõ do Sacramento eſtá realmente Corpo, Sangue, Alma, e Divindade; e tambem nos que commungaõ aquelle Paõ, tornando-ſe em Paẽs ſacramentados, ſe une a Divindade, a Alma, o Sangue, e o Corpo de Chriſto: logo he a Meza do Sanctiſſimo Sacramento húma nova officina de Divindade, que como Chriſto Senhor noſſo nas eſpecies de Paõ ſe nos dá, como Deos e homem; todo o que dignamente o communga naquella Meza, fica tambem conſtituido homem Deos: porque fica tambem na fórma de paõ, imitando o Paõ do Sacramento: *Duodecim panes ſuper menſam puriſſimam coram Domino ſtatues. Ad imitationem ipſius Chriſti panes appellati ſunt beati Diſcipuli, conſortes facti panis nutrientis nos in vitam æternam. Hic eſt panis, qui de Cœlo deſcendit.*

Agora entendo eu a razaõ, porque mandando Deos já no Exodo ao meſmo Moyſés expôr na Meza os paẽs da propoſiçaõ: *Pones ſuper menſam panes propoſitionis*; ſe lê no Texto Hebreo (diz Pagnino) que Deos mandára expôr na meza os paẽs das faces: *Pones ſuper menſam panes facierum*; e continûa dizendo, que eraõ paẽs das faces, ou dos roſtos de Chriſto: *Panes facierum Chriſti*; porque poſto que era hum ſó o roſto de Chriſto, que ſe adora no Paõ do Sacramento; com tudo, como ſe multiplicaõ na Meza os Paẽs ſacramentados, quaes ſaõ os que commungaõ o Divino Paõ; em todos eſſes Paẽs multiplica Chriſto Senhor noſſo a ſua Real Preſença; e apparecem todos feitos o meſmo Chriſto, ou apparece Chriſto Senhor noſſo nas faces de todos: *Pones ſuper menſam panes propoſitionis. Panes facierum, facierum Chriſti.*

Exod. 25. 30.

Pagnin. hìc.

De tal ſorte o Paõ do Sacramento converte em Paẽs aos que o communga õ; de tal ſorte o meſmo Chriſto, que eſtá naquelle Paõ multiplica a ſua Real Preſença neſtes Paẽs; e de tal ſorte Deos, e homem, que eſtá no Sacramento, ſe communica ao homem, que paſſa a ſer Deos, quando commun-ga; e tanto apparece nas faces dos que commun-gaõ o roſto do meſmo Chriſto, que neceſſariamen-te vê a Chriſto Senhor noſſo quem puſer os olhos com a devida attençaõ em quem communga; e olhando para quem communga, vê nelle a Chriſto Senhor noſſo. Aſſim o diz huma douta penna: *Ita Euchariſtiæ efficacitate Deus in homine manet, ut qui hominem Euchariſtia refectum viderit, viderit in eo Chriſtum opus ſit.*

Amar. in Magn. ✠.8. n.62.

Oh que nova officina de Divindade adoramos neſta ſacratiſſima Meza! pois vemos, que pela comida do Paõ do Sacramento ficáraõ os Sagrados Apoſtolos taõ parecidos a Chriſto, que indo os Phariſeos a prender o Divino Meſtre, e conhecendo-o muito bem, foi neceſſario que Judas o diſtinguiſſe dos Diſcipulos pela applicaçaõ do oſculo: *Quemcumque oſculatus fuero, ipſe eſt, tenete eum*: porque diz S. Joaõ Chryſoſtomo, que ſem muito particular reflexaõ, ſe naõ podiaõ os Diſcipulos diſtinguir do Meſtre pelas faces; pois as faces dos Diſcipulos por virtude do Sacramento que recebêraõ, moſtravaõ em cada hum a propria face do meſmo Meſtre: *Chriſtiferas facies habebant.* Mas que muito que os Phariſeos naõ diſtinguiſſem, qual foſſe o Meſtre, e quaes os Diſcipulos (porque Diſcipulos, e Meſtre todos ſe pareciaõ entre ſi por virtude do Sacramento), quando o meſmo Chriſto Senhor noſſo, que Divinamente ſa-

Matth.46. 48.

D. Chryſ. hic.

bia

bia conhecer todas as couſas, reconheceo a amoroſa transformaçaõ dos que commungaõ taõ identica comſigo meſmo, que avaliava a cada hum dos Diſcipulos por ſi proprio.

Sempre reparei qual podia ſer a razaõ, porque Chriſto Senhor noſſo eſtando na Cruz diſſe a ſua Mãy Sanctiſſima (tratando-a ſó como mulher) que o Diſcipulo Amado S. Joaõ era ſeu Filho: *Mulier, ecce Filius tuus.* De ſorte que eu bem entendo que perdendo Chriſto Senhor noſſo a vida, que dava por nós, faltava o termo para a relaçaõ da Maternidade da Senhora, e por iſſo como acabava o Filho, tratava a Mãy ſó por mulher: *Mulier*; mas o que ſempre me cauſou reparo foi ver, que ſendo aquella a mais preciſa occaſiaõ de conſolar a ſua Mãy Sanctiſſima, lhe faça em lugar da ſua propria Peſſoa entrega da peſſoa de Joaõ por filho: *Ecce filius tuus*; porque ſe Chriſto Senhor noſſo, que morria, era hum homem Deos, e da ſua Divina Filiaçaõ reſultava á Senhora o mayor credito da ſua Maternidade; como para continuaçaõ deſſa Maternidade lhe dá a filiaçaõ de hum Diſcipulo, que era ſómente homem: *Mulier, ecce filius tuus*?

Joan. 19. 26.

Porêm fui achar muito a noſſo intento a ſatisfaçaõ deſta dûvida em Origenes: e vede o myſterio com que Chriſto Senhor noſſo chamou a S. Joaõ filho da Senhora. Na noite da Cea, antecedente ao dia da morte de Chriſto, recebeo S. Joaõ a Chriſto ſacramentado: e como o Sacramento he nova officina de Divindade, que transforma em Deos ao homem que o recebe, por iſſo eſtava Joaõ taõ divinizado, que elle era o meſmo JESUS homem Deos, por transformaçaõ do Sacramento, como ſe a meſ-

ma Senhora o gerára em ſeu puriſſimo ventre. Origines o diſſe : *Dixit JESUS : Ecce filius tuus . ac ſi diceret : Ecce hic eſt JESUS , quem genuiſti.* Subſtitûa logo Joaõ o lugar de Chriſto, pois eſtá transformado em o meſmo Chriſto por virtude do Sacramento : e ſe naõ he já ſómente homem, mas ſim pelo Sacramento tambem Deos, ſeja em lugar de JESUS Chriſto Deos, e homem, acclamado por Filho da Mãy de Deos : *Ecce Filius tuus.*

Origin. tom. 1. fol. 161.

Oh que ſoberana maravilha ! ficar o homem, que communga, taõ transformado em Deos, que Deos, e homem na Cruz tem a Joaõ por homem Deos, por ter Joaõ recebido a Chriſto ſacramentado. Mas oh que prodigioſo Myſterio o que agora ouço ao meſmo Origines em confirmaçaõ deſta verdade ! Sabeis quem he o que lançou Sangue do peito no Myſterio do Calvario ? direis que foi Chriſto Senhor noſſo ? Eu o digo tambem, e he de fé : e aſſim o atteſta como teſtemunha de viſta, e de irrefragavel verdade o meſmo Diſcipulo Amado S. Joaõ, que o preſenciou : *Unus militum lancea latus ejus aperuit ; & continuò exivit ſanguis, & aqua.* Pois ſabei, e admirai o prodigio : ſabei que eſſe Sangue naõ ſahio do lado de Chriſto morto; ſahio ſim do peito de Joaõ vivo: *Non Chriſtus mortuus ; ſed Joannes vivus ſanguinem emiſit.* Oh valha-me o meſmo Deos, e Senhor ſacramentado ! Se o Euangeliſta diz, que foi Chriſto, que lançára Sangue do peito : *Unus militum lancea latus ejus aperuit* ; como publîca Origines em huma Propoſiçaõ recebida pela Igreja, que foi S. Joaõ o que o lançára : *Non Chriſtus , ſed Joannes* ?

Joan. 19. 33. 34.

Orig. hìc.

Mas oh que ſe o Euangeliſta fallou como teſtemunha de viſta, Origines fallou como contem-

plativo

plativo dos myſterios. Contemplou Origines profundamente, que o meſmo Chriſto moſtrára o proprio Ser da ſua Peſſoa na peſſoa de Joaõ, quando o deu á Senhora por Filho: *Ecce Filius tuus*; contemplou, que Joaõ na noite antecedente recebêra o Sanctiſſimo Sacramento; e contemplou mais que por iſſo Joaõ era digno filho da Senhora, porque a virtude do meſmo Sacramento o transformára em o meſmo Chriſto: e ſuppoſto via que o Sangue ſahíra do Lado de Chriſto morto, com tudo para expreſſar a força da transformaçaõ de Chriſto em Joaõ, affirmou que foi Joaõ vivo, e naõ Chriſto morto, o que lançára Sangue do peito: *Non Chriſtus mortuus, ſed Joannes vivus Sanguinem emiſit*. He verdade que foi Chriſto o que lançou o Sangue: *Latus ejus aperuit: exivit Sanguis*: mas he taõ certa e evidente a transformaçaõ de Chriſto, em quem dignamente o recebe, que bem ſe póde affirmar, de quem o recebe, o meſmo que ſe houver de dizer do meſmo Chriſto.

Joaõ naõ era Chriſto antes de receber o Sacramento; mas depois que o recebeo, ficou de ſorte transformado no meſmo Chriſto, que pelo meſmo caſo que foi Chriſto o que lançou o Sangue: *Exivit Sanguis*, por iſſo meſmo ſe póde dizer ſem temeridade, que foi Joaõ: *Non Chriſtus, ſed Joannes*. E eſta he a efficaz virtude da Meza do Sacramento, que como nova officina de Divindade, faz Deoſes aos que a ella dignamente ſe aſſentaõ: *Vere comedens Deus efficitur*. Sentem-ſe embora á Meza do Sacramento homens, que certamente ſe haõ de levantar Deoſes. Tudo ſaõ effeitos do ſoberano manjar daquella grande Cea: e Cea taõ grande, que naõ tem com ella comparaçaõ

çaõ a mayor cea de todo o mundo. A mayor cea, que contaõ as hiſtorias, foi a que deu o Imperador Julio Ceſar em Roma ſobre duas mil mezas, para aſſento de innumeraveis convidados, em que apreſentou ſette mil pratos, e hum paõ de ouro a cada hum. Mas que tem que vêr eſta cea com a Cea do Sacramento por anthonomaſia a Grande: *Homo quidam fecit Cœnam magnam?* porque ſe a cea de Ceſar coube em Roma ſobre duas mil mezas, as Mezas do Sacramento naõ tem numero, e ſe expôem a todos naõ ſó em Roma, mas em o mundo todo.

Se a cea de Ceſar durou huma ſó noite, a Cea do Sacramento durará muitos ſeculos, em quanto durar o mundo: na cea de Ceſar eraõ ſette mil os pratos, e hum ſó paõ de ouro para cada hum dos convidados; os convidados da Cea do Sacramento tem nelle hum Paõ, que he theſouro de todas as riquezas da gloria; e os ſabores deſte manjar ſaõ infinitos, e ſem numero, porque contêm todos os ſabores: *Panem de Cœlo præſtitiſti eis, omne delectamentum in ſe habentem.* Naquella cea deu Ceſar do que poſſuîa aos ſeus convidados; e neſta Cea dá Chriſto Senhor noſſo aos ſeus convidados tudo quanto tem, e tudo quanto he. Os convidados da cea de Ceſar, ſentaraõ-ſe á meza homens, e homens ſe levantáraõ da meza; e os convidados da Cea de Chriſto Senhor noſſo, ſentaõ-ſe homens, e levantaõ-ſe Deoſes. Os que ſe aſſentáraõ finalmente á meza de Ceſar recebêraõ a honra de ſerem ſeus convidados, mas naõ ficáraõ com a regalîa de ſerem Imperadores como elle; e os que ſe aſſentaõ á Meza do Sacramento ſobem a tanta dignidade, que transformando-ſe no meſmo Chriſto Senhor noſſo,

noſſo, e pondo-ſe á Meza deſte novo Rey como homens: *In hac Menſa novi Regis*, ſe levantaõ della como Reys Divinos: *Accedunt homines, & diſcedunt Reges.*

D. Chryſ. Hom. 45. in Job.

Naquella Cea, que Circe deu aos Companheiros de Ulyſſes, ſentaraõ-ſe á meza homens, e levantáraõ-ſe Leoẽs por força de ſeus encantos: mas ficáraõ ſó Leoẽs na apparencia:

Carminibus Circe ſocios mutavit Ulyſſei.
Hinc exaudiri gemitus, iræque Leonum.

Virg. Æn.

E na grande Cea de Chriſto Senhor noſſo, por força da communicaçaõ da ſua Divindade, ſentaõ-ſe homens, e por força de huma verdadeira transformaçaõ Sacramental levantaõ-ſe Deoſes. Deos no Sacramento eſtá como Leaõ Divino, que ſe converte em doces favos de mel para noſſa ſuavidade, e doçura: *Chriſtus in Euchariſtia eſt Leo, qui morte appropinquante dum Sacramentum inſtituit, in melleos favos longe ſuaviſſimos ſe ipſum convertit*; e como na fórma de Leaõ ſe explica o Ser de Deos no Sacramento, diz Sancto Ambroſio, que tambem nós ſentando-nos á Meza do Sacramento homens, nos levantamos Deoſes em a fórma de ſagrados Leoẽs: *Tamquam Leones ab illa Menſa recedamus.* Tambem do Imperador Juſtiniano referem as hiſtorias, que para oſtentaçaõ da ſua riqueza fizera hum gabinete todo de ouro, ſendo de ouro o tecto, de ouro as paredes, e de ouro o pavimento: e para receber os ſeus convidados, de ouro mandou tambem fazer as mezas, e os aſſentos: eraõ tambem de ouro os pratos, e os manjares.

Picinel. tom. 1. lib. 5. cap. 22. n. 456.

D. Ambr.

E naõ faltou quem diſſeſſe que até os convidados, ſentando-ſe á meza, ficavaõ tambem de ouro; por-

Suid.

porque ficavaõ naõ ſó ricos com o ouro,que dos pratos levavaõ, mas tambem pareciaõ todos de ouro pelos reflexos da côr do metal rico, que nelles por todas as partes ſe imprimiaõ. Mas que tem que vêr aquelles convidados com os da Meza do Sacramento? porque ſe aquelles convidados ficavaõ de ouro ſó na repreſentaçaõ, os convidados de Chriſto Senhor noſſo para áquella grande Cea na Meza do Sacramento, ficaõ todos de ouro na realidade: porque ſendo o Sacramento ouro mais reſplandecente: *Euchariſtia eſt aurum fulgentiſſimum*, de tal ſorte imprime o ſeu proprio Ser em quem o recebe, que fica cada hum ſendo do meſmo ouro. E a razaõ he; porque ſe no ouro ſe ſymboliza a Divindade: *Aurum eſt Divinitas*, de ſorte communica Chriſto no Sacramento a ſua Divindade a quem dignamente o recebe, que fica transformado em Deos: *Vere commedens Deus efficitur*. Deos no Sacramento intitula-ſe com varias fórmas: já com a de fogo: *Deus ignis conſumens eſt*; já com a de Leaõ: *Chriſtus in Euchariſtia eſt Leo*; e já com a de ouro: *Euchariſtia eſt aurum*, e todas eſtas fórmas communica a quem dignamente o recebe; porque como neſtas fórmas occulta o Ser de Deos, o Ser de Deos communica a quem o recebe dignamente.

Fidel. Theor. 6. ℣.4. n.13.

Lauret. verb. Aur.

Alphab. Euch.

Até em fórma de ramo de Oliveira, que em nós ſe enxerta pela Communhaõ, contemplou Oſorio a Chriſto no Sacramento: *Euchariſtia eſt oliva fructifera, que in nobis inſeritur*: e ſe bem repararmos na virtude do enxerto, acharemos, que ſe o ramo enxertado dá o ſeu meſmo ſer á arvore, em que ſe enxerta; ſendo enxertado em nós pelo Sacramento aquelle Divino Ramo de Oliveira, todos

Oſor. tom. 2. Con. 2. de Euch.

dos ficamos Oliveiras naquella Meza. Assim o contemplou David, pondo nesta sagrada Meza propheticamente os olhos: *Filii tui sicut novellæ Olivarum in circuitu Mensæ tuæ.* Os vossos filhos, Senhor, aquelles, a quem como bom Pay sustentais á vossa Meza com a vossa mesma Carne, e Sangue, saõ novos ramos de Oliveiras; porque como vós sois Oliveira nesta Meza: *Eucharistia est Oliva*, e nella dais o vosso Ser aos filhos, que alimentais, tambem elles ficaõ em novas Oliveiras transformados: *Sicut novellæ Olivarum.* E se na fórma dessa arvore se occulta o Ser de Deos, que adoramos realmente neste Mysterio, he de tal sorte officina de Divindade, que a todos faz Divinos, e ficaõ Deoses: *Ut homines Deos faceret factus homo.*

Psal. 117. 3.

Idem Alph.

Com as Aves houve tambem já quem comparasse a Christo no Sacramento; porque huns lhe chamaõ Aguia: *Eucharistia est Aquila amantissima*; outros o intitulaõ Phenix: *Christus in Eucharistia Phænix*; e naõ falta quem o acclame Pelicano Divino: *In Eucharistia Christus est Pelicanus*; e sendo estas as principaes Aves, que voaõ pelo meyo do Ceo, em fórma de Aves, diz o Euangelista Aguia, que chamava hum Anjo sobre o Sol aos que chegavaõ á Meza do mesmo Sacramento: *Vidi Angelum stantem in Sole, & clamavit voce magna dicens omnibus avibus, quæ volant per medium Cœli: Venite, & congregamini ad Cœnam magnam Dei.* Oh como estas palavras do Apocalypse: *Ad Cœnam magnam Dei*, fazem consonancia com as palavras do presente Euangelho: *Homo quidam fecit Cœnam magnam!* A Cea grande do presente Euangelho he a Meza do Sacramento, e a Cea grande do Apocalypse he do Sanctissi-

Picinel. lib. 4. c. 8. n. 131.

Escob. lib. 2. lect. 10. n. 26.

Apocal. 19. 17.

mo Sacramento a propria Meza. Por isso saõ Aves os homens convidados para as delicias desta grande Cea: *Dicens omnibus avibus*; porque nesta Cea se nos communica Christo em fórma de Ave, como diz Escobar: *Christus in Eucharistia est Avis Cœlestis.*

Escob. in Joan. 6.

Nem falta quem entre as pedras preciosas tambem descubrisse naquella Saphira do carro triumphante, que vio Ezechiel, hum symbolo do Sacramento: *Et super firmamentum quasi aspectus lapidis Saphiri. Hic lapis optime Eucharistiam adumbrat.* E quem naõ vê huma admiravel circumstancia da Saphira no Sacramento? o Sacramento converte em Deos a quem com elle se une; e a Saphira costuma tambem tornar da sua mesma côr azul a toda a pedra, que de outra côr se chega a ella. Pintou Picinelo hum monte de pedras toscas de diversas côres, e pondo lhe sobre ellas huma Saphira azul, de sorte lhe participava a sua propria côr, que todas ficavaõ azues Saphiras; e animou o Emblema com esta letra: *Quæ tangit cærulæ reddit.* Pouco importa pois que sejaõ os homens toscas pedras, e muito distantes da Divindade de Christo, antes de commungarem; que tanto que chegarem a tocar a Soberana Saphira do Sacramento, logo Christo Senhor nosso mostra tanto poder neste Mysterio, que, como Saphira azul celeste, os converte em Saphiras celestiaes: *Potens est Deus de lapidibus istis suscitare filios. Quæ tangit cærula reddit.*

Ezech. 1. 26.
Apis Lib. hic.

Mund. Symb.

Luc. 3. 8.

Para os falsos Deoses da antiguidade mostrarem o seu grande (mas falso) poder nos homens, os convertiaõ em arvores, em flores, em aves, em fontes, e em pedras. Mas o nosso Deos, e Senhor

Ovid. Metam.

Sacra-

Sacramentado tem tanto poder neste Myſterio, que em todas as fórmas, que o conſiderarmos nelle, em todas transforma os homens em Deoſes. Contemplemos embora ao noſſo bom Deos no Sacramento, na fórma que o imaginar a noſſa devoçaõ; que em todas eſſas fórmas ha de tambem ſer viſto o homem, que dignamente o recebe; para que ſe veja, que em toda a fórma fica o homem ſendo o meſmo Deos: *Vere comedens Deus efficitur.* Daquelles dous irmaõs Caſtor, e Polux foi tal o amor, que fingem os Poetas ſe convertêraõ em eſtrellas, para que Polux divino participaſſe métade da ſua divindade com Caſtor humano: *Si fratrem Pollux alterna morte redemit*; porêm Chriſto Senhor noſſo ſendo Divina Eſtrella no Sacramento: *Euchariſtia eſt Stella luce fulgens*; naõ nos participa ſó métade da ſua Divindade, mas ſim ſe nos participa todo inteiro: *Integer accipitur.* Mas para que he buſcarmos as innumeraveis, e diverſas fórmas, que os Auctores ſagrados contemplaõ para explicarem os admiraveis prodigios do Sacramento, ſe para o melhor deſempenho do meu aſſumpto temos o Myſterio da Encarnaçaõ do Divino Verbo. A uniaõ Sacramental he ſemelhante (dizem os Theologos) á uniaõ Hypoſthatica, com que o Divino Verbo na Encarnaçaõ unîo a ſi a natureza humana: *Unio Sacramentalis, & Hypoſthatica ſunt ſimiles*; na Encarnaçaõ Deos ſe fez homem, e unîo a ſi hypoſthaticamente ao homem, para o homem ſer Deos, como diz Sancto Agoſtinho: *Deus homo factus eſt, ut homo fieret Deus*: logo no Sacramento, para os homens ſerem Deoſes, Deos une a ſi Sacramentalmente os homens. Logo ſe na Encarnaçaõ (como he certo) ſe fez

Idem.

Eſcob. lib. 5. ſect. 1. n. 26.

D.Thom.

Apud Mend.

D. Aug.

o homem Deos, Deoſes ficaõ tambem os homens no Sacramento.

He o Sacramento (como dizem os meſmos Theologos) huma extenſaõ da Encarnaçaõ do Divino Verbo: *Euchariſtia eſt extenſio Incarnationis*; e diz huma douta penna da ſempre doutiſſima Companhia de JESUS, que ſe nos cauſa grande admiraçaõ o encarnar Deos, para ſe nos dar em comida no Sacramento, que nos admiremos muito mais de vêr, que ſe nos dá no Sacramento para renovar, e extender a meſma Encarnaçaõ: *Si miraris Deum incarnatum, ut carnem ſuam tibi daret in eſcam, mirare magis Deum ſe tibi identidem comedendum apponere, ut Incarnationis prodigium in Euchariſtia innovaret, ſive etiam extenderet.* Logo no Sacramento renova-ſe a maravilha da Encarnaçaõ; e como na Encarnaçaõ ſe vio a maravilha de ſubir o homem a ſer Deos; a ſer Deoſes ſe vê, por maravilha, ſubirem os homens no Sacramento.

Amar. in Magnif. ℣. 8. n. 60.

Oh que rico theſouro de Divindade he o Sacramento! de donde ſahe tanta riqueza da meſma Divindade, que todos que enriquecem deſte theſouro, ſaõ Deoſes: *Hic totum Divinitatis ærarium exhauſtum eſt.* O prodigio da Encarnaçaõ conſiſte, em que Deos fica homem, e o homem Deos; e a maravilha do Sacramento tambem eſtá, em que Deos ſe une Sacramentalmente aos homens, e os homens ficaõ Deoſes; e a mayor admiraçaõ do Sacramento conſiſte, em que, a quantos o recebem, ſe communica aquella meſma Divindade, que na Encarnaçaõ ſe communicou a hum ſó. Diſſe-o a meſma penna de ouro: *Deitas, quæ in Myſterio Incarnationis uni tantum humanitati addicta fuit, in Eu-*

Idem ibi n. 24.

Idem ibi.

in Euchariſtiæ Myſterio omnibus communicantibus ſeſe infundit. Na Encarnaçaõ hum ſó homem he Deos; no Sacramento ſaõ Deoſes todos os homens, que o recebem: *Vere comedens Deus efficitur.*

Mas que digo eu? todos os que commungaõ ſaõ Deoſes? naõ he de fé, que Deos he hum ſó, e naõ póde haver outro Deos? he certo; e o meſmo Deos o diſſe: *Videte, quòd ego ſim ſolus, & non ſit alius Deus præter me*: logo como me atrevo eu a tomar por aſſumpto moſtrar, que o Sacramento he huma nova officina de Divindade, e faz Deoſes a todos, que dignamente o recebem? Ora direi: He verdade, que ha hum ſó Deos por eſſencia; e aſſim nem ha, nem póde haver outro Deos: *Credo in unum Deum*; mas por força de uniaõ, e participaçaõ Sacramental, fica ſendo Deos todo aquelle homem, que Deos une a ſi no Sacramento. Na Encarnaçaõ temos hum ſó homem Deos; porque neſte Myſterio ſó hum unío a ſi hypoſthaticamente; e como a uniaõ Sacramental he ſemelhante á Hypoſthatica, unindo a ſi Sacramentalmente infinitos homens Deos no Sacramento, todos por virtude, e participaçaõ do Sacramento ficaõ Deoſes. Admiravel Texto nos offerece David no Pſalmo 81.

Deut. 32. 39.

Ego dixi: Dii eſtis, & filii excelſi omnes. Eu diſſe, que todos os que ereis filhos de Deos, ereis Deoſes. Pois como diz o Texto ſagrado, que ſaõ muitos os Deos: *Dii*, ſe Deos he hum ſó: *Ego ſim ſolus*? Mas oh que fallava o Texto ſem dûvida dos que gozaõ as felicidades de filhos de Chriſto, ſentando-ſe á Meza do Sacramento; porque o Sacramento he de tal ſorte ſoberana officina de Divindade, que ſuppoſto Deos ſeja hum ſó por eſſencia, com tudo por participáçaõ do meſmo Sacra-

Pſal. 81. 6.

cramento, saõ Deoses todos os homens, que dignamente o commungaõ. Assim o diz o Auctor do Cantico Marianno, excitando a dûvida, e dando-lhe a reposta: *At quomodo Dii, si unus tantum est Deus? Plane re ipsa unus est Deus; sed communicatione fit multiplex; quia nimirum dum se hominibus præstat in cibum, homines quodammodo Deos facit.*

Amar. in Magn. ỽ.8. n.6.

E a razaõ de serem todos Deoses, ainda que Deos he hum só, vem a ser; que como Christo no Sacramento se transforma nos que o commungaõ, e os que o commungaõ se transformaõ igualmente em Christo, sendo Christo no Sacramento Deos, e homem, os homens, ainda que sejaõ muitos, pelo Sacramento ficaõ todos Deoses, como conclûe o mesmo Auctor: *Omnes Deum in Eucharistia comedentes dicuntur Dii; & tamen unus tantum est Deus, qui omnes comedentes in se convertit, & se omnibus vicissim immiscet.* E se bem repararmos agora em sermos filhos de Christo Senhor nosso no Sacramento: *Estis filii Excelsi omnes*, acharemos que por isso mesmo somos Deoses por taõ grande Mysterio: *Ego dixi: Dii estis*. E a razaõ he; porque o mesmo Christo compára a vida, que nos dá no Sacramento, como a filhos, com a vida, que como Filho recebe de seu Eterno Pay na Trindade: *Sicut misit me vivens Pater, & ego vivo propter Patrem; & qui manducat me, & ipse vivet propter me.*

Idem ibi.

Joan. 6.

O Filho no Mysterio da Trindade recebe do Pay huma vida Divina, e o ser Deos: logo nós como filhos de Christo no Sacramento recebemos delle como de Pay vida tambem divina, e o sermos Deoses por participaçaõ. A Divindade, que o Pay

com-

communica ao Filho he comparada com a luz : *Lucem inhabitat inacceſſibilem* ; e ſe a meſma luz, que o Pay communica ao Filho, he a que pela carne do Filho ſe communica a nós no Sacramento ; bem ſe ſegue que Chriſto no Sacramento nos communica neſſa Divina lux a meſma Divindade. Ouvi o que diz Sancto Ireneo ſobre o Texto de S. Joaõ : *Sicut miſit me vivens Pater*, diz o Sancto Doutor: *In carne Chriſti occurrit Paterna lux* ; *&* *à carne ejus rutila venit in nos* : logo ſe o Pay gerou Deos ao Filho, communicando-lhe por eſſencia a luz da ſua Divindade ; Chriſto Senhor noſſo no Sacramento, communicando-nos a meſma luz da Divindade por participaçaõ, nos eleva á ſuperior grandeza de ſermos Deoſes.

D. Iren. lib. 4 c. 37.

Entendo que aſſim o quiz tambem affirmar o Propheta Iſaías, dizendo-nos a reſpeito do Myſterio do Sacramento, que nelle havia Chriſto encher de reſplendores a noſſa alma : *Implebit ſplendoribus animam tuam*, por vêr que o Eterno Pay diz na Trindade, que géra ſeu Unigenito Filho em ſoberanos reſplendores : *In ſplendoribus ſanctorum . . . genui te.* Que ſe o Eterno Pay nos reſplendores da Trindade dá o ſer Deos ao Filho ; nos reſplendores do Sacramento nos communica o Filho o ſermos Deoſes. Oh reſplendores ineffaveis os da Sanctiſſima Trindade, em que o Eterno Pay dá o ſer Deos a ſeu Unigenito Filho ! Mas oh admiraveis reſplendores os do Sanctiſſimo Sacramento, em que Chriſto Senhor noſſo communica aos homens o ſerem Deoſes ! Mas oh que labyrintho de reſplendores ! o fio da meſma fé me guie, para naõ perigar em tantos abyſmos de inacceſſiveis luzes. Que ſe nas maravilhas da Sanctiſſima Trindade,

Iſaias 58. 2.

Pſal. 109. 3.

de, ſendo tres as Peſſoas, que commungaõ o Paõ da Divindade: *Suos Panes habet abſconditos*, ſó hum Deos adoramos por eſſencia; nos prodigios do Paõ do Sacramento veneramos tantos Deoſes por participaçaõ, quantas ſaõ as Peſſoas, que dignamente o commungaõ.

Por iſſo eu digo no meu aſſumpto, que he tal a ſoberanîa do Euchariſtico Myſterio, que ſe pudéra haver exceſſo á Meza da Sanctiſſima Trindade, ſó parece que o haveria na Meza do Sanctiſſimo Sacramento; porque parece Deos mais liberal no Sacramento (naõ na ſubſtancia, mas em quanto ao modo), do que no Myſterio Auguſtiſſimo da Sanctiſſima Trindade. No Myſterio da Sanctiſſima Trindade he Deos Pay taõ liberal, que dá o ſeu meſmo Ser de Deos ao Filho; e o Filho com o Pay daõ o ſeu meſmo Ser de Deos ao Eſpirito Sancto: e com ſer tanta eſſa ſumma liberalidade, naõ ha nas tres Peſſoas da Sanctiſſima Trindade mais que hum ſó Deos; porêm no Sanctiſſimo Sacramento, parece que ſóbe a tanto eſta maxima liberalidade, que a quantas peſſoas ſem numero ſe communîca, todas ficaõ Deoſes. Pois, Senhor, he poſſivel que neſſe Sacramento, por nova officina de Divindade, pareceis mais liberal, e prodigo do Ser de Deos, do que na Trindade Sanctiſſima? na Sanctiſſima Trindade naõ fazeis, nem podeis fazer outro Deos; e no Sacramento fazeis tantos Deoſes, quantos ſaõ os que dignamente vos commungaõ?

O certo he, que eſſa Meza parece ter exceſſos á Meza da Sanctiſſima Trindade; porque a Trindade de Peſſoas ſe adora com a unidade de hum ſó Deos. Mas vós, Senhor, ſendo hum ſó neſſe Sacramento, veneramos nas maravilhas deſte Myſterio

ſterio tantos Deoſes, quantos ſaõ os que vos commungaõ dignamente. Grande exceſſo parece na verdade! ſem dûvida que he neceſſaria muita fé para eſte Myſterio: e talvez ſeja eſta a razaõ, porque ſendo muitos os Myſterios da noſſa Sancta Fé Catholica; o que ſe intitula particular e expreſſamente Myſterio de Fé he o Sacramento: *Myſterium Fidei.* Ambos eſtes Myſterios, o do Sacramento, e o da Trindade, ſaõ igualmente Myſterios de Fé; mas aſſombra de ſorte os entendimentos humanos o crer, que quem dignamente communga fica Deos: *Vere comedens Deus efficitur*, que ſendo álem da capacidade humana o Myſterio da Sanctiſſima Trindade, facilmente o crêraõ os Diſcipulos de Chriſto, depois que elle lho declarou. E para o Myſterio do Sacramento, ainda depois que o meſmo Chriſto o manifeſtou a ſeus Diſcipulos, eſtes lhe acháraõ tal elevaçaõ de aſſombro, que lhes cuſtou muito a captivar os entendimentos em obſequio de Fé.

Declara Chriſto Senhor noſſo o Myſterio da Sanctiſſima Trindade a ſeus ſagrados Diſcipulos; e logo elles com fé promptiſſima crêraõ taõ alto Myſterio: *Baptizantes eos in nomine Patris, & Filii, & Spiritûs Sancti*; porque ſuppoſto he Myſterio muito álem da capacidade humana, com tudo como naõ implica, nem deroga a unidade de hum ſó Deos, que he naturalmente demonſtravel, e na Trindade de Peſſoas ſe exclûe a ſolidaõ, para terem communicaçaõ perfeita as Peſſoas Divinas, facilmente ſe capacitou a razaõ, e ſe deu inteira fé a Myſterio taõ alto. Propôem o meſmo Chriſto o Myſterio do Sacramento aos meſmos Diſcipulos, e lhes declara as ſuas amoroſas transformaçoẽs: *Qui man-*

Matth. 28. 19.

Joan. 6. 57.

ducat meam Carnem, & bibit meum Sanguinem, in me manet, & ego in illo; e foi tanto o peſo de difficuldades, que nelle reconhecêraõ, e tal o exceſſo de aſſombroſos prodigios que nelle admiráraõ, que como ſe lhes cuſtára muito a crer, diſſeraõ que ſe fazia impercetivel ao entendimento humano; e como a fé entrava pelos ouvidos, era arduo de ouvir taõ paſmoſo aſſombro: *Multi ergo audientes ex Diſcipulis ejus dixerunt: Durus eſt hic ſermo, & quis poteſt eum audire.*

Ibi n. 61.

Pois os Diſcipulos, que com taõ prompta fé crêraõ logo o Myſterio da Sanctiſſima Trindade, encontraõ tanta repugnancia em crer as maravilhas do Sacramento? logo he neceſſaria muita fé para crer do Sacramento as maravilhas; ou he o Sacramento por anthonomaſia o Myſterio de Fé: *Myſterium Fidei.* E iſſo porque? he porque vem, que ſe pudera haver exceſſo á Meza da Sanctiſſima Trindade, ſó parece que o haveria na Meza do Sanctiſſimo Sacramento. Pois na Meza do Sacramento ſaõ Deoſes todas as peſſoas, que dignamente o recebem; e na Meza da Sanctiſſima Trindade, ſendo tres as Peſſoas, que commungaõ o Paõ da Divina Eſſencia, he ſó hum Deos. Eſte parece ſer o motivo para a mayor ſuſpenſaõ: *Durus eſt hic ſermo.* Que ſendo Deos na Trindade eſſencialmente hum; no Sacramento ſejaõ Deoſes por participaçaõ todos os que o recebem! E que faça Deos, depois de ſer homem, no Sacramento, aquillo que naõ fez ſendo Deos na Trindade! Mas como naõ ha de ſer aſſim, ſe até no modo ſacramental, com que Deos eſtá no Sacramento, ſe vê taõ prodigioſa maravilha. Se dividirmos huma ſó Hoſtia conſagrada, em

em quantos fragmentos a fizermos, em tantos multiplica Chriſto Senhor noſſo a ſua Real Preſença; e quantos forem os milhares de fragmentos da Hoſtia, tantos ſeraõ os milhares das Preſenças Reaes do meſmo Chriſto.

Na Trindade ſendo tres as Divinas Peſſoas, naõ ſe multiplica nellas Deos, e em todas as tres he Deos hum ſó. Mas no Sacramento multiplica Deos de ſorte as preſenças, que em todas as preſenças eſtá Realmente Chriſto. Aſſim ſendo muitos os que recebem a Chriſto no Sacramento, muitos ſaõ os que ficaõ ſendo Deoſes por participaçaõ deſte Myſterio: *Vere comedens Deus efficitur*. Eu bem ſey que todas as maravilhas do Sacramento ſaõ maravilhas de Deos Uno, e Trino; e que o meſmo Deos, que eſtá na Meza da Sanctiſſima Trindade, he o que eſtá na Meza do Sacramento, porque alli eſtá o Filho Realmente, e o Pay, e o Eſpirito Sancto por circumincepçaõ; mas com tudo no Sacramento, como nelle ſe unîraõ todas as maravilhas de Deos, vemos reſultar os prodigios, que naõ reſultaõ da Trindade; porque na Trindade he hum ſó Deos, ainda que por eſſencia; e no Sacramento, ſuppoſto que ſó por participaçaõ, ſaõ Deoſes todos os que o commungaõ dignamente. Com razaõ chama S. Vicente Ferrer ao Sacramento Eſpelho, onde brilha o proprio reſplendor da Luz Eterna, e a Mageſtade do meſmo Deos: *Hoſtia eſt ſpeculum . . . ideo de iſta Hoſtia conſecrata poteſt dici, candor Lucis Æternæ, & ſpeculum ſine macula Dei Majeſtatis.*

S. Vicent. Ferr. in Feſt. Corporis Dom. Serm. I.

He o eſpelho aduſtorio aquelle maravilhoſo invento, que, recebendo do Sol a virtude, abraza, e queima os objectos pela uniaõ dos rayos do meſ-

mo Sol, que em ſi contêm, como ſe vio no eſpelho, com que Archimedes abrazou a Armada Romana; e ſendo a virtude do Sol, a maravilha foi do eſpelho. Aſſim tambem he toda a virtude do Sacramento daquelle meſmo Deos, que na Trindade Sanctiſſima obra aquelle altiſſimo Myſterio, e todos os mais; mas no Sacramento, como ſe em eſpelho unîra Chriſto os ſoberanos rayos das maravilhas de Deos, faz tantos prodigios, como ſaõ os de ſe communicar a todos que o recebem, e ſerem Deoſes. Antes ſe contemplarmos nas operaçoẽs de Deos *ad extra*, e na creaçaõ do homem, faz Deos no Sacramento o que a Trindade naõ fez na meſma creaçaõ. Na Trindade diſſe Deos, que nos queria formar á ſua Imagem, e Semelhança: *Faciamus hominem ad imaginem, & ſimilitudinem noſtram.*

Geneſ. 1. 26.

Grande felicidade por certo he a noſſa em ſermos creados pelo meſmo Deos Uno, e Trino á ſua Imagem, e Semelhança. E pergunto; pois ficamos por ventura feitos Deoſes? naõ por certo: e ſó ficamos ſim com huma alma racional, e immortal, com tres potencias. E o que naõ reſultou em nós da creaçaõ pela Sanctiſſima Trindade, em que Deos nos fez á ſua Imagem, e Semelhança, reſulta da Communhaõ do Sacramento, em que Deos Sacramentalmente nos aſſemelha tanto comſigo, que cada hum de nós pela Sagrada Communhaõ fica o meſmo Deos: *Vere comedens Deus efficitur.* E he de reparar que a Sanctiſſima Trindade nos fez á ſua Imagem, e Semelhança, creando-nos como Deos vivo; e no Sanctiſſimo Sacramento nos faz Deoſes, eſtando nelle Chriſto Senhor noſſo tambem vivo na realidade, mas com repreſentaçoẽs de morto. E

deſta

desta sorte como naõ direi eu á vista de tantas maravilhas, que tambem por ser melhor a Imagem, que temos de Deos pelo Sacramento, do que a que nos deu a Sanctissima Trindade na creaçaõ, parece devemos cantar em applausos do Sanctissimo Sacramento os mais elevados e soberanos elogîos.

No seu Apocalypse vio S. Joaõ a Magestade de Deos vivo: *Viventi in sæcula sæculorum*; e diz, que os Musicos do Ceo lhe cantáraõ esta letra pelo beneficio da creaçaõ: Sois digno, ó Soberano Deos, e Senhor nosso, de receber toda a gloria, toda a honra, e toda a virtude; porque vós nos creastes á vossa Imagem, e Semelhança: *Dignus est, Domine Deus noster, accipere gloriam, & honorem, & virtutem; quia tu creasti nos.* Continûa o mesmo Euangelista Prophetico as suas celestiaes visoẽs, e diz: Que vîra depois o Divino Cordeiro Sacramentado com realidades de vivo sim, mas com representaçoẽs de morto: *Vidi Agnum stantem tamquam occisum*; e que foraõ taõ superiores os jubilos, e elogîos dos melhores Cantores déssa Gloria, que em milhares, e milhares de Córos, lhe diziaõ assim: Este Soberano e Sacratissimo Cordeiro, que se nos communica com representaçoẽs de morto, para nos augmentar a vida da graça, e nos fazer tambem Deoses pelo Sacramento, he digno de receber toda a Virtude, toda a Divindade, toda a Sabedoria, toda a Fortaleza, toda a Honra, toda a Gloria, e todo o Louvor: *Dignus est Agnus, qui occisus est, accipere Virtutem, & Divinitatem, & Sapientiam, & Fortitudinem, & Honorem, & Gloriam, & Benedictionem.*

Apocal. 4. 9.

Ibi n. 11.

Apocal. 5. 6.

Ibi n. 12.

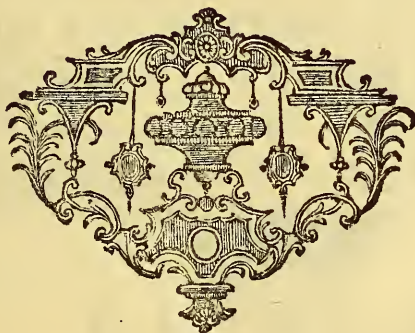
Pois

Pois no Capitulo quarto ſó tres titulos de Elogíos para a gloria de Deos vivo, e no Capitulo quinto naõ menos de ſette titulos para a gloria do Cordeiro com repreſentaçoẽs de morto, ouvio o Euangeliſta Propheta? Mas quem naõ vê ſerem mais elevados, e ſuperiores os Elogîos ao Cordeiro Sacramentado, do que ao meſmo Deos por Creador! E qual poderá ſer a razaõ deſta mayoría, e exceſſo de applauſos, e de louvores? parece que poderá ſer, porque Deos vivo na Trindade nos creou, dando-nos ſómente a ſua Imagem, e Semelhança, mas ſem nos fazer Deoſes; e o Cordeiro Sacramentado, ainda que com repreſentaçoẽs de morto, de ſorte nos dá a ſua meſma Imagem, e Semelhança, que ſendo Deos, e homem, nos faz tambem homens Deoſes pela Sagrada Communhaõ de ſeu Sacratiſſimo Corpo: *Vere comedens Deus efficitur.* Lá no Apocalypſe para os applauſos dos mais elevados Elogîos, ſe ouvîraõ as mais ſuaves, e canoras citharas; e tambem das citharas ſe refere, que temperadas duas no meſmo ponto, e poſtas em igual proporçaõ de conſonancia, tocada huma, ſoaõ ambas com igualdade, porque huma communica o ſeu ſom á outra.

He a palavra *Euchariſtia* em puro anagramma Cithara de JESUS: *Euchariſtia, id eſt, Cithara JESU*; cheguemos pois áquella Sagrada Cithara, e temperemos as cordas de noſſos coraçoẽs com proporcionada igualdade ao ſeu Divino ſom, para que reſultando em nós ſua Divina ſuavidade, façamos celeſtial conſonancia a taõ elevada doçura. Cantemos a noſſa grande felicidade, que ſe Lucifer teve para motivo da ſua perdiçaõ o deſejo de ſer ſemelhante a Deos: *Similis ero* *Altiſ-*

Iſaias 14. 14.

Altiſſimo; nós, pelo mayor lucro de toda a noſſa felicidade, temos a fortuna de ficarmos naõ ſó ſemelhantes, mas ſim transformados em o meſmo Deos pelos ſoberanos conſorcios daquella Meza. Aproveitemo-nos de taõ Soberana Cea, que Chriſto Senhor noſſo nos prepára, como diz o preſente Euangelho: *Homo quidam fecit Cœnam magnam*; viſtamos logo com diligencia a veſtidura nupcial da Divina graça; para chegarmos á Bemaventurança de ſermos Deoſes naquella Meza, que nos dá toda a Gloria: *Ad quam nos perducat Dominus Omnipotens Pater, & Filius, & Spiritus Sanctus. Amen.*

F I M.

SERMÃO
DA SERAFICA MATRIARCA, E MYSTICA DOUTORA
S.TA TERESA DE JESUS,

EXPOSTO O SANTISSIMO SACRAMENTO,
Na ſua Igreja do Convento da Bahia,

DEDICADO
AO PRECLARISSIMO SENHOR DOUTOR
MANOEL ANTONIO DA CUNHA DE SOTO-MAIOR,
Fidalgo da Caſa de S. Mageſtade, Cavalleiro profeſſo na Ordem de Chriſto, Chanceller da Relação da Bahia, Provedor Mór da Fazenda Real, &c.

POR SEU AUTHOR O R. PADRE
JOSE' DE OLIVEIRA SERPA,
Presbytero ſecular Bahienſe,
Que o prégou em 15. de Outubro de 1751.

LISBOA,
Na Officina de MIGUEL MANESCAL DA COSTA,
Impreſſor do Santo Officio.

Anno M. DCC. LIII

Com todas as licenças neceſſarias.